



ENTRE O FEMININO E O MASCULINO, A RECUSA AO HETEROSSEXISMO: ASPECTOS DO DISCURSO SOBRE A DIFERENÇA NO FEMINISMO LESBIANO

Jussara Carneiro Costa¹

O trânsito entre feminismo, pós-modernidade, pós-colonialismo e estudos culturais fermentou as dinâmicas sociais do movimento provocando uma desconstrução discursiva da “mulher” como categoria unívoca, homogênea e inúmeros deslocamentos epistemológicos e políticos nas suas múltiplas interações.

Entre os momentos que constituem esses deslocamentos, destaca-se o adensamento da crítica epistemológica a instituição do saber referenciado por verdades universais, influenciadas, em larga medida, pela crítica desconstrucionista aos esquemas binários que alicerçaram o conhecimento produzido sobre – e sob – esta base. De forma cada vez mais recorrente, transitoriedade, diversidade, diferença, contingência, pluralidade, são palavras que passam a ocupar maior espaço no cotidiano feminista.

Esse processo fez eclodir uma série de temas no interior do feminismo, em sincronia com as tonalidades cada vez mais diversificadas adquiridas pelo movimento. Dinâmica que tem acontecido gradativamente, apontando para quebra de paradigmas no interior dos feminismos.

A compreensão de que as lutas contra as desigualdades devem ser interseccionais, a exemplo das contribuições trazidas pelas feministas negras, foi fundamental para que determinadas problemáticas ganhassem visibilidade e se constituíssem em campos de saber e político. Nas discussões sobre interseccionalidade, via de regra, fulguram as interações de gênero e raça/cor. No tocante a lesbianidade, embora, enquanto princípio, o rechaço a lesbofobia seja uma unanimidade para os feminismos, os esforços no sentido de discutir e desenhar um agenciamento voltado ao enfrentamento da questão têm sido assumidos, majoritariamente, pelas feministas que se pronunciam como lésbicas. Tal questão evidencia que o sexismo se constitui como sistema muito mais resistente que o racismo.

As tensões entre lesbianidade e feminismo podem ser lidas como expressão específica do sexismo. O espectro da lesbianidade foi historicamente utilizado como estratégia sexista para desestabilizar e deslegitimar os intentos feministas. O receio da associação com os estereótipos de

¹ Jussara Carneiro Costa – PPGNEIM/UFBA



“machona”, “virago”, “feiosa” e “mal-amada” já surtiu muito mais efeito (SOHIET, 2005; SWAIN, 2002).

Para entender a questão é preciso considerar a invenção da sexualidade como dispositivo histórico de poder² que se consolida, especialmente na instituição familiar, *locus* privilegiado para evidenciar o objetivo da heteronormatividade: “formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e ‘natural’ da heterossexualidade” (MISKOLCI, 2009).

O fato de a sexualidade ser hegemonicamente trabalhada nos estudos feministas referenciada pela divisão binária do humano a partir das construções baseadas sobre o sexo³ indica que a questão precisa ser maturada no âmbito feminista. A reprovação a uma identidade feminista por sua associação com uma identidade lesbiana pode indicar, por exemplo, o quanto a heteronormatividade e misoginia se retroalimentam. Não são apenas os corpos com vivências não heterossexuais que sofrem a violência produzida por esses mecanismos, a heteronormatividade é uma categoria chave para a abordagem das assimetrias de gênero.

Trazer a discussão sobre a heteronormatividade para o horizonte do feminismo pode permitir a superação da exclusividade conferida à prática sexual como matriz de inteligibilidade para a definição de uma – suposta – identidade lésbica. Swain (1999, 18) afirma que “tentar traçar um perfil da lésbica ou das lésbicas é uma tarefa impossível pois não há substância à qual se prender, não há um bloco homogêneo e monolítico de coerência, não existe experiência unívoca que possa tomar o lugar de um referencial estável.”

As dificuldades trazidas pela discussão em torno da identidade costumam a relação dos feminismos com a lesbianidade e, no centro dessas tensões, se coloca as relações ditas *butch/femme* (no caso, a *butch* como analogia do masculino e a *femme* do feminino).

Perrin e Chetcuti (2002) realizaram uma importante investigação sobre a construção dos papéis lésbicos⁴. Ao abordar o tema das mulheres “masculinizadas, *butch* ou caminhoneiras”,

² Para Foucault os dispositivos constituem-se em cadeias de variáveis relacionadas entre si: os objetos visíveis, as enunciações, as forças em exercício, os sujeitos. Os dispositivos normalizam, definem e instituem as normas verdadeiras e, por isso, são normalizantes. Além disso, tornam-se constitutivos da verdade e estão presentes no âmbito macrossocial tanto quanto no microssocial. São esses dispositivos que permitem a criação de sujeitos; a construção de subjetividades; de identidades sociais e individuais; a normalização e disciplinamento da sociedade. São constitutivos tanto das relações de poder e quanto das redes de resistência.

³ Nas quais, como lembra Swain (2001, p.93) “a prática heterossexual é subentendida nessas análises em torno de esquemas do poder social, como o casamento, a família, a maternidade, a violência, o abuso, a prostituição, dentre outros”.

⁴ As autoras realizaram duas pesquisas exploratórias respectivamente, na Suíça e na França, por meio de conversas semi-dirigidas, nas quais se propuseram a examinar a relação que as lésbicas bissexuais procedentes de movimentos comunitários (quadros associativos, bares lésbicos, entre outros), mantém com as categorias produzidas pelo sistema de



identificam e analisam os sentidos fornecidos pelas entrevistadas para o uso dos códigos e atributos tidos como masculinos.

Em primeiro lugar, há o uso de uma “masculinidade pragmática”, no qual a adoção de atributos masculinos se constitui numa estratégia para “adquirir um lugar”. Identificam também o uso da “masculinidade como estratégia de proteção” face aos homens e suas investidas sexuais⁵. Assim,

“As lesbianas se encontram presas entre duas coerções: de um lado, as aparências femininas são interpretadas como um sinal de disponibilidade aos olhos dos homens. De outro, as aparências masculinas são lidas como uma inadequação à sua categoria de sexo. Ambas as situações ilustram a noção de apropriação coletiva, e como esta é inextricavelmente ligada à norma heterossexual” (p. 07)

O uso da “masculinidade como alternativa ao feminino imposto”, no qual a adoção de atitudes e vestimentas que seriam atributos exclusivamente masculinos resulta numa forma de neutralizar-se e, assim, escapar do estereótipo feminino imposto pela cultura hegemônica.

Por último, o uso da “masculinidade como código identitário” constitui estratégia e recurso para obter visibilidade, no qual as *butchs* usam os códigos relacionados a masculinidade para visibilizar a lesbianidade, numa espécie de exposição social deliberada.

Chamberland (2002) sugere que certa homenagem deve ser prestada às figuras de caminhoneiras ou de “*butch*” pela importância política de suas performances, posto serem elas que, historicamente, expuseram essa identidade nos períodos de repressão, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento de uma cultura lesbiana.

Em se tratando de visibilidade, a figura *butch* marca o aparecimento público lesbiano, que de acordo com Falquet (2006) entre o final do sec. XIX e início do sec. XX, na Alemanha, E.U.A e Grã-Bretanha e ganha força entre as décadas de 1920 e 1950, associado ao surgimento de uma cultura urbana de bares gays, espaços privilegiados para visibilidade de uma estética *butch/femme*. Pode ser observado que as lésbicas *femmes* ou “femininas” por não serem identificáveis não incomodam a sociedade heteronormativa, já que não impactam os olhares sociais.

Outro aspecto da invisibilidade lesbiana é a estratégia utilizada pelas bostonianas a partir de meados do século XIX. Nos Estados Unidos e Grã Bretanha começou a ser relativamente freqüente a constituição de parcerias estáveis entre mulheres admitidas pela sociedade de seu tempo. Os registros das vivências amorosas dessas mulheres são quase inexistentes. Há cartas de amor em que

gênero, mais precisamente como as concepções identitárias lesbianas estão estruturadas pelo gênero, conceito definido pelas mesmas tanto como sistema de relações sociais hierarquizadas, quanto sistema de representações, tradutor desta relação.

⁵ Estratégia que muitas vezes resultou em violência social e sexual, como aconteceu, na repressão a partir da década de 50-60 nos Estados Unidos, no contexto do McCarthismo, e no Canadá, através do controle policial nos bares, que incluía a prisão e freqüentemente estupro das lésbicas *butchs*.



chamavam umas às outras de "mulher", havendo, em muitos casos, referências veladas ao prazer sexual. Há também registros de viagens, ocasiões em que solicitavam cama de casal em hotéis e outras em que registravam, em vida, a solicitação para serem enterradas juntas após o falecimento (CIUDAD DE MUJERES, 2006). Tal fenômeno ocorreu nos E.U.A. especialmente nas áreas da universidade da costa leste, nas últimas décadas do século XIX.

Para tais uniões tornarem-se possíveis, as duas mulheres, ou pelo menos uma delas, deveria ser economicamente independente, uma vez que apenas nesta circunstância lhes seria permitido viver sem um homem. O desvencilhamento da obrigatoriedade do casamento só era justificável pela oportunidade de trabalhar e desenvolver uma carreira acadêmica.

A expressão bostoniana surge após a publicação do romance de Henry James, "Os moradores de Boston", que narra a vida dessas mulheres. Muitas delas foram as primeiras a entrarem na universidade, a serem reconhecidas como cientistas, a se tornarem feministas, havendo indícios de que muitas sufragistas viveram nessa condição. Entretanto, essas mulheres não se definiam como lésbicas, tendo em vista que essa definição cabia somente aquelas que pertenciam à classe trabalhadora. O surgimento da nomeação lesbiana pelo saber médico e psiquiátrico, com toda uma classificação de gestos e aspectos do comportamento feminino, traz à tona e "denuncia" a vida das bostonianas que, desde então, passam a ser perseguidas e rechaçadas pela sua condição abjeta, intimamente relacionada ao termo "lésbica".

As uniões bostonianas são sintomáticas da histórica clandestinidade e invisibilidade da lesbianidade. Como observa Cordero (2005, p.24) "quando o inimigo permanece oculto, se ignora sua presença, se negam seus sinais, opera com uma facilidade extrema e se desenvolve até converter-se num monstro soberano".

A performance *butch* tem sido objeto de repúdio por se transitar no imaginário social a idéia de que esta compete com os homens, seduz as *femmes* tidas como vítimas, passíveis de serem recuperadas pelo sistema heterossexista. As *femmes* podem ser resgatadas pelo sistema patriarcal, as *butchs* não; a *femme* se encontra encarcerada no feminino, a *butch* transgride o modelo padrão de feminilidade.

Entre teóricas lesbianas feministas a questão dos papéis *butch/femme* mobiliza diversas posições os jogos performáticos, classificados por Cordero (2005) em dois grupos: as que se opõem, por considerar que esta prática é uma reprodução de papeis heterossexuais; e aquelas que desenvolvem uma perspectiva analítica voltada a identificação dos elementos de transgressão e desafios implicados na estética *butch/femme*.



No primeiro caso, os vetores que se reúnem para impor um sistema de classificação negativa sobre a *butch* podem ser classificados em três grupos: o primeiro refere-se a reprodução social de valores hegemônicos instalados através de eficientes dispositivos de poder, gerando um sistema de classificação hierárquico que divide indivíduos entre normais e anormais, bons e maus, sãos e doentes, provocando intolerância para com quem transgredir tais parâmetros; o segundo grupo é constituído pelas feministas defensoras da lesbianidade como identidade alternativa à heterossexualidade, recusando o estilo *butch/femme* por considerá-lo reprodutor do modelo heterossexual; o terceiro grupo constituído pela própria comunidade lésbica influenciado pela idéia de *continuum* lésbico buscam um sentido comum e formas normatizadas do exercício da sexualidade.

A noção de performance desenvolvida por Butler (2003) constitui um recurso teórico-analítico importante para entender o sentido político da performance *butch*. Ela considera que atos performáticos são atos estilizados que imprimem significados aos corpos, por mais que discursos hegemônicos se concentrem em atribuir ao corpo, ao gênero e à sexualidade uma conotação natural. A performance se exerce por meio do uso de paródias. Assim, o comportamento *butch* como ritual da réplica masculina comporta uma repetição paródica desfigurada e variada propiciando a ruptura com a lógica inerente ao heterossexismo.

As práticas paródicas armazenam as categorias corpo, sexo, gênero e sexualidade. A paródia e a repetição da transitoriedade nas relações lésbicas, em suas formas *butch/femme* adquirem um potencial subversivo ao questionar drasticamente a condição de autenticidade que a antecede, auxiliando a indagação sobre a instituição dos atributos masculinos - sobre o poder de instituí-lo e suas conseqüências como prerrogativa exclusiva dos homens. Dessa forma, os papéis *butch/femme* não são papéis heterossexuais, assim, como uma cópia não é um original, há uma profunda subversão no ato de apropriar-se, através da réplica mimética, de todos os signos que caracterizam a heterossexualidade.

Portanto, os atos performativos contêm uma imensa capacidade libertadora, tanto podem ser desconstruídos como subvertidos e o uso da paródia constitui um recurso valioso para criticar identidades de gênero essencialistas e subverter as estruturas que originam os ideais de masculinidade.

As questões levantadas auxiliam a reflexão sobre a maneira como vem sendo estabelecida, no âmbito feminista, a relação com a diferença; os reflexos que esta apresenta em cumplicidades



não consentidas para com a heteronormatividade, espalhando-se, sutilmente, na prática discursiva feminista, através dos diversos usos da linguagem.

As diferenças são categorias políticas imprescindíveis aos feminismos e traduzem-se como monumentos sociais arquitetados em uma ampla disposição de poderes, cuja estrutura em rede garante sua solidez. É assim, que o humano dividido na categorização binária feminino/masculino, cria, na articulação social, a afirmação de sua normalidade na existência dos “anormais”, dos monstros, dos corpos nomeados como “imperfeitos” em seu sexo, em sua forma ou em comportamentos fora das sendas definidas pela normatividade sexual (SWAIN, 2004).

Assim, a criação de uma diferença biológica e de comportamento se converte numa diferença política, cerne da desigualdade social, quer se trate de sexo, sexualidade, etnia ou outros demarcadores. Esta desigualdade instaura referentes em hierarquias e valores desenhando corpos, perfis ideais, cores, raças, estabelecendo exclusões, demarcando espaços, limites de ação e posição, mapeando e classificando o humano.

Dessexualizar-se é a condição que a heteronormatividade oferece aos nossos corpos lesbianos para que sejam tolerados. É a garantia de que não ameaçamos o contrato sexual heterossexista. Atuando através da substituição do prazer pelo dever, substituindo o desejo pela obediência, se absorve o singular pelo sistema, se metaforiza o sexo pelas instituições: família nuclear, parceiro, casal monogâmico heterossexual, maternidade obrigatória. Assim, situar o prazer lesbiano, desconstruindo o caráter “angelical” que lhe é atribuído pode ser o início do processo de revisão da norma heterossexual, permitindo uma reapropriação de nossas práticas e nossas particulares idéias de prazer, modo pelo qual é possível desafiar a rígida fundamentação sexofóbica desse sistema (CORDERO, 2005, p. 18)

As maneiras tradicionais de se conceber a “identidade” lésbica afirmam a recusa contra o estilo *butch* podem expressar a idéia de que estas se situam fora da norma, representando aspectos marginais do lesbianidade. Trata-se de rejeições baseadas na pretensão de nomear “o que deve ser uma lésbica”, tendo como único referente a sexualidade, elidindo outras práticas sociais igualmente importantes.

Pensar sobre essas questões exige pensar sobre o silenciamento acerca do império do “normal” que impõe a justificação para as vezes que ousamos a apropriação “indevida” de códigos masculinos; sobre a nossa concordância tácita – e cúmplice – com essa cobrança sem nos apercebermos ou questionarmos os jogos de poder presentes neste ato.



Entende-se que admitir sua existência e conhecer seus mecanismos constitui o primeiro passo para um uso criativo, lúdico e prazeroso do poder, à medida que a admissão de sua existência produz as condições necessárias para uma atuação crítica perante a sua naturalização.

Nada mais pertinente, portanto, do que indagar sobre o modo como o feminismo vem lidando com essas questões, sobre como elas atravessam seu fazer epistemológico, a produção do conhecimento e a sua prática política. Há um extenso leque de formas de ser lésbica, de ter visibilidade, de afirmar uma resistência às normas, de reivindicar um estilo de vida, uma cultura, o pertencimento a um grupo, o direito à cidadania.

Referências

BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo*. Cadernos pagu (11) 1998: pp.11-42

_____. Los cuerpos que importan In: *Cuerpos que importan – sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”* Buenos Aires:Piados, 2002. p. 53-94

CIUDAD DE MUJERES. Historia del lesbianismo en occidente. 06 de maio de 2006. Disponível em < <http://www.ciudaddemujeres.com/articulos.>> Acesso em 26.11.2009.

CHAMBERLAND, Line. O lugar das lesbianas no movimento de mulheres. *Labrys, estudos feministas*. Nº 1-2, julho/dezembro de 2002. Disponível em < [http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/chamberland1.html.](http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/chamberland1.html)> Acesso em 29 de novembro de 2009.

CORDERO, Diana. *Acoples subvertidos: roles sexuales en las parejas de lesbianas*. México, 2005

FALQUET, Jules. *De la cama a la calle : perspectivas teóricas lésbico-feministas*. Bogotá: Brecha lésbica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*, vol 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Ed. Graal,1990, 10ª ed.

MISKOLCI, Richard. *A teoria queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf.](http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf)> Acesso em maio de 2009

PERRIN Perrin e CHETCUTTI, Natacha. Além das aparências.Sistema de gênero e encenação dos corpos lesbianos. *Revista labrys, estudos feministas*, número 1-2, julho/ dezembro 2002, disponível em < [http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/natacha1.html.](http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/natacha1.html) > Acesso em 29 de novembro de 2009.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. *Cadernos pagu* (12) 1999: pp.109-120. Disponível em < [http://www.feminismo.org.br/portal/index.php?option=com_remository&Itemid=88&func=fileinfo&id=5.](http://www.feminismo.org.br/portal/index.php?option=com_remository&Itemid=88&func=fileinfo&id=5)> Acessado em 27 de novembro de 2009.



_____. Para além do binário: os queers e o heterogêneo . *Caderno Gênero*. Niterói, v. 2, n.1, p. 87-98, 2. sem. 2001, p. 87 – 97. Disponível em < http://www.ieg.ufsc.br/revista_detalhe_volume.php?id=31&artigo=814.> Acesso em 28.11.2009

_____. O normal e o “abjeto”: a heterossexualidade compulsória e o destino biológico das mulheres. *Labrys, estudos feministas*, nº 6, agosto/dezembro 2004. Disponível em: < <http://e-groups.unb.br/ih/his/gefem/labrys6/lesb/anahita.htm>.> Acesso em 28.11.2009

SOIHET, Rachel. Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários. *Rev.Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(3): 591-611, setembro-dezembro/2005, p. 591-611.

WALLERSTEIN, Valeska. Feminismo como pensamento da diferença. *Labrys, estudos feministas*, janeiro/julho 2004.< <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys5/textos/valeskafeminismo.htm>.> Acessado em novembro de 2008.